



A Família na pós-modernidade e suas representações midiáticas¹

Diolene Borges Machado²
Fabrício Natalino Bentes Queiroz³
Larissa Ribeiro Bezerra⁴
Raphael Pacheco Neto⁵
Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo é uma análise da representação da família na mídia. Aborda também as mudanças na estrutura familiar, a exemplo do surgimento de famílias matriarcais e homossexuais. E a percepção de como a própria 'instituição família', é retratada na telenovela, em jornais e em programas de entretenimento. Busca-se perceber de que maneira esse retrato midiático aliado à dinâmica das sociedades pós-modernas é capaz de exercer influência nos relacionamentos familiares, bem como, na liquidez dos laços humanos.

Palavras-chave

Família; Mídia; Pós-modernidade

Introdução

Aspectos políticos, econômicos e sociais, em escala maior ou menor contribuíram historicamente para transformações ocorridas na estrutura da sociedade atual. A partir, principalmente, da segunda metade do século XX com a intensificação das inovações tecnológicas as relações entre os indivíduos se modificaram. A tecnologia estava no ambiente de trabalho substituindo parcela significativa de mão de obra humana, e em casa, na forma dos mais novos instrumentos de diversão e entretenimento.

Certamente a inserção dos meios de comunicação de massa na vida de cada vez mais pessoas por si só, não mudaria as formas de relacionamento interpessoal, mas o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação-Jornalismo da FACOM-UFPA, e-mail: diolenemachado1@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação-Jornalismo da FACOM-UFPA, e-mail: fabricionbq@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação-Jornalismo da FACOM-UFPA, e-mail: lrbcomunicacao@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação-Jornalismo da FACOM-UFPA, e-mail: rpacheco.com@gmail.com



avanço desses novos meios traz novas possibilidades de comunicação e relacionamento que irão interferir nos modelos tradicionais.

A emergência das tecnologias da informação em um contexto de constantes alterações no cenário político e econômico desencadeou um novo padrão de relacionamento entre os sujeitos sociais. No ambiente familiar, cada vez mais pais e filhos se vêem ocupados com aspectos particulares de suas vidas e o lar se tornou um local de passagem, onde pessoas quase estranhas se encontram de vez em quando.

Considerando a liquidez dos laços afetivos que hoje caracteriza as relações interpessoais, este trabalho pretende dar conta destas problemáticas pós-modernas. Para isso analisa a conjuntura familiar tradicional até os dias atuais e enfatiza questões que dizem respeito às interferências midiáticas na formação da sociedade e na conseqüente configuração da família.

Da tradição à pós-modernidade

A estrutura familiar patriarcal era marcada pela centralização e submissão dos outros membros da família à figura do 'pai'. Os 'pais' tradicionais daquela época exigiam a família reunida em cafés da manhã, almoços e jantares. Todos comiam juntos e as únicas diversões na noite eram as conversas entre si, uma vez que a televisão ainda não havia se popularizado.

Apesar de toda rigidez e rispidez, os filhos tinham os pais como exemplos a serem imitados e os respeitavam integralmente. A mãe era encarregada da casa, dispensando cuidados especiais à família, criando e educando os filhos, respondendo por toda e qualquer dificuldade com eles e zelando pelo marido. Já o pai era responsável pelo sustento da casa e por dar exemplos e ensinamentos aos filhos.

O século XX foi palco de significativas mudanças na estrutura familiar. Transformações ocorreram na sociedade brasileira. A família sofre influências econômicas, políticas, sociais e culturais, ocasionando mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, alterando assim a estrutura familiar. Sua modificação de sociedade rural, onde prevalecia a família paternalista e fechada em si mesma, para uma sociedade de base industrial com suas decorrências sociais, geográficas e culturais ocasionou alterações acentuadas na estrutura do modelo tradicional de família.

Na clássica divisão de tarefas ocorrem alterações importantes:

Com o trabalho fora de casa, decorrente da inserção feminina no mercado de trabalho, o tempo da mulher para o cuidado dos filhos foi diminuindo e o



homem foi mudando seu espaço no interior da família, assumindo inclusive tarefas antes tipicamente femininas. A mulher torna-se mais competente no trabalho, autônoma e competitiva, ao mesmo tempo em que o homem aprende a ser mais cuidadoso e cuidador nas relações. Essas alterações nos papéis sociais levaram a adaptações dos homens e das mulheres, não sem relutância de ambas as partes, pois da mesma forma que foi difícil para o homem abandonar o papel de senhor absoluto do modelo tradicional de família, para a mulher foi penoso abrir mão do papel de rainha do lar, frágil e submissa, ao qual estava secularmente acostumada, e do qual comumente angariava algumas vantagens secundárias, numa espécie de poder paralelo no mundo privado (SEMIONATO; OLIVEIRA, 2003)

Neste sentido, as mulheres assumem um papel sumamente importante na manutenção do dia-a-dia familiar, que vai além do trabalho doméstico, participando também orçamento do lar com trabalho remunerado.

As transformações familiares são marcadas por fatores diversos como o estabelecimento da família como um grupo regulado pelo amor (os cônjuges na maioria das uniões ficam juntos sob a condição de se amarem), não mais por condições econômicas; e o aumento de separações e divórcios, com a perda da força e credibilidade da religião, que não mais conseguiu manter casamentos insatisfeitos.

Neste contexto, surgem inúmeras organizações familiares alternativas como casamentos consecutivos com companheiros diferentes e filhos de outras uniões, casais homossexuais que adotam filhos legalmente, mães solteiras compartilhando a criação dos seus filhos, dentre outras. E atingimos o século XXI com a família pós-moderna ou pluralista, pelos tipos alternativos de convívio que apresenta.

A (des)construção da família

O conjunto de mudanças históricas e transformações sociais provocaram profundas modificações na família, e antes de tudo, nas razões para se constituí-la:

‘Houve uma época (das fortunas da família passadas de geração para geração, segundo a árvore genealógica, e da posição social hereditária) em que os filhos eram pontes entre a mortalidade a imortalidade, entre uma vida individual abominavelmente curta e a infinita (esperava-se) duração da família. Morrer sem filhos significava nunca ter construído uma ponte como essa. A morte de um homem sem filhos (...) significa a morte da família- negligenciar o mais importante dos deveres, descumprir a mais imperativa das tarefas’. (BAUMAN, 2004, p.58)

Os tempos pós-modernos trouxeram a liberdade das infinitas possibilidades de escolha e os grilhões da obrigação em escolher. Em tese, e usualmente, a maioria dos



casamentos no Ocidente acontece por vontade e decisão dos cônjuges, assim como a decisão de não casar. O divórcio se torna um processo cada vez mais comum, e aos poucos, vai perdendo a conotação de ‘escândalo’ ou vergonha para adquirir o *status* de algo natural.

Fatos como estes explicitam a nova fragilidade das estruturas familiares. O desejo e até certo ponto a obrigação social na construção de ‘pontes’ (filhos) cede lugar a questionamentos como: quem precisa dessas pontes? Quem perderia seu tempo para construí-las? (BAUMAN, 2004).

A pós-modernidade consolida a lógica do consumo do capitalismo moderno. Essa busca incessante pela satisfação das necessidades caracteriza também a estrutura individualista da sociedade. Consumir é um ato do indivíduo e não da coletividade, uma das razões para a publicidade aplicar sempre pronomes pessoais em diversos ‘slogans’: ‘Globo e *você* tudo a ver’, ‘Ford focus: *você* nunca viu nada igual’ e uma infinidade de outros exemplos.

(...) A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis.

(...) O principal cuidado diz respeito, então, à adequação – a estar ‘sempre pronto; a ter a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar; a desenvolver novos desejos feitos sob medida para as novas, nunca vistas e inesperadas seduções. (BAUMAN, 2004, p.90-91)

Desta forma a lógica do consumo também transforma a estrutura familiar. Essa transformação pode seguir dois caminhos: o primeiro é sustentado pelo individualismo, a busca e conquista primeira de ideais e objetivos pessoais; e o fato de formar uma família ser colocado em segundo plano ou até não fazer parte do planejamento de vida. O segundo caminho não abandona a lógica consumista-individualista, mas a ‘adapta’ a uma conjuntura de formação da família, é quando o ato de ter filhos é também encarado como uma forma de consumo, “um filho é, acima de tudo, um ato de consumo emocional” (BAUMAN, 2004).

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim também são os filhos. Eles não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem-alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar (...). (BAUMAN, 2004, p.59)



A própria constituição da família vai se desvinculando das tradições e se torna também uma escolha. A questão essencial quando a temática é família é que esta diverge da maior parte das possibilidades de escolha pós-moderna porque não possui caráter temporário.

(...) um mundo em que tudo que se apresenta é temporário, mutável ou tem o caráter de formas locais de conhecimento e experiência. Aqui não há estruturas profundas, nenhuma causa secreta ou final; tudo é (ou não é) o que parece na superfície. (KUMAR, 1997:157-158)

A essência da pós-modernidade pertence àquilo que é passageiro, dinâmico, no qual o próprio indivíduo determina (ou imagina determinar) começo e fim. A família, portanto, entra em choque direto com esta essência. Ela e a fugacidade não se relacionam. ‘Ninguém’ é proveniente de outro ‘ninguém’, todo indivíduo está conectado a outros, mesmo que as circunstâncias sociais (como abandono ou morte) induzam a uma separação física.

A família é o primeiro meio social, portanto, local de identificação. A crise familiar consiste na não-aceitação deste meio ou em alguma espécie de frustração no interior dele, especialmente de caráter econômico. Este quadro induz o indivíduo a procurar um modo de ‘fuga’ deste meio como maneira de preencher o vazio pós-moderno que ocupa o interior do ser humano. O que o faz buscar novidades que não encontra dentro de casa, o excitante a partir da porta da rua, ou mais comumente trancado no quarto e fugindo através das janelas da internet.

Nenhum indivíduo se dizia meu afim, nem grupo algum; nem as pessoas do meu sangue, nem aquelas a quem eu ansiava me juntar; nem os da minha própria espécie, nem os da minha escolha. Porque eu havia afinal decidido fazer uma escolha e a fizera. Foi meu destino interior, mais do que uma decisão livre, que produziu minha separação do antigo círculo. O novo, no entanto, não me recebeu, nem me aceitou. (WASSERMANN, 2007, p.46-47)

A crise da inconstância, da liquidez, então, se solidifica. O indivíduo não encontra o que procura (e não sabe o que procura) no interior de sua casa e menos ainda fora dela. É quando ‘cruza os limites entre os grupos sociais e não está seguro de pertencer ao grupo no qual está entrando, e nem também àquele de que está saindo (...). A causa da dificuldade não é pertencer a muitos grupos, mas a incerteza quanto a pertencer a qualquer deles’ (LEWIN, 1948- p.148, 179).



É, portanto, uma problemática em torno da necessidade de se sentir parte de algo, de algum grupo social, que no contexto da pós-modernidade se inicia ainda na família, para ser externalizada a outros tipos de organização social, escola, amigos, etc. Questão constantemente induzida, reforçada e algumas vezes, até justificada, pelas organizações midiáticas.

O papel da mídia na estrutura familiar

As inovações tecnológicas para a comunicação não teriam efeito nenhum sem as mudanças de caráter político e social. O conjunto desses aspectos pode cada vez mais impor mudanças no padrão de relacionamento interpessoal.

Com as transformações nos mais variados setores da vida social, a mídia ganhou espaço como um meio democrático de informação e entretenimento para a cultura e a educação de um país. Ela se legitimou como um vetor da opinião pública que poderia ajudar os pais na educação dos seus filhos e na difusão de valores éticos.

Programas educativos e campanhas de responsabilidade social são exemplos comuns de como a mídia atua e se auto-proclama como a instância maior da esfera pública e um legítimo meio para a discussão de temas de interesse público. Além disso, atribui a si poderes de vigilância e custódia da sociedade.

Atualmente, a preponderância dos meios de comunicação se tornou tão grande que já interfere nas relações humanas como eram conhecidas. Marc Augé (2003) denomina o atual momento como o da *sobremodernidade*. Uma época caracterizada pelo excesso de informação, o excesso de imagens e o excesso de individualismo. O autor responsabiliza os meios de comunicação pela individualidade exacerbada. Citando Durkheim, Augé afirma que os meios de comunicação substituem as mediações tradicionais, antes feitas pela família, sindicatos, escolas etc. (AUGÉ, 2003).

O uso da comunicação mediada tem aumentado substantivamente a cada nova tecnologia. A carta, o telefone, o celular, o e-mail, as salas de bate papo, os sites de relacionamento entre outros tornaram a comunicação interpessoal uma prática quase obsoleta.

Toda essa nova realidade da comunicação certamente tem suas conseqüências na família. Os pais delegam a educação de seus filhos aos programas de televisão. Os trabalhos escolares têm como principal fonte a internet. Para a diversão, a televisão aberta ou a cabo tem lugar reservado na rotina da casa. Já é comum cada membro da



família ter seu aparelho de televisão, podendo assim escolher o que deseja assistir sem a companhia dos outros membros da família.

O uso da tecnologia é tão freqüente que gera conflitos que vão além do mundo virtual. A comunicação mediada cria possibilidades de conexão entre pessoas geograficamente distantes, no entanto, este mesmo acesso aos meios de comunicação pode gerar distanciamento entre pessoas próximas, uma vez que individualiza o processo de escolha do conteúdo informacional. Sabe-se que a família é uma entidade social dinâmica e em constante processo de transformação. Nesse sentido, têm-se os dispositivos técnicos como fatores que interferem no relacionamento entre entes familiares, o que na atual configuração revela um momento no qual até os laços afetivos aparecem em segundo plano.

A família na mídia

As estruturas midiáticas são grandes responsáveis pela visão que se tem da realidade. Elas ajudam a perceber o mundo com olhares particulares, no entanto, não suscitam essa particularidade de maneira imparcial. A mídia ajuda a conquistar direitos e a perdê-los, às vezes esclarece e outras confunde. Numa batalha conflituosa na busca pela verdade, as pessoas se vêem num emaranhado de idéias, que muitas vezes despertam preconceitos. E devem atentar para a importância que o meio de comunicação tem, e como ele conduz a formação de uma mentalidade preconceituosa.

Um dos produtos midiáticos que contribui para a formação de idéias pré-concebidas é a telenovela. Nela são percebidos comportamentos ditos “normais”, como ter uma família triádica, formada por pai, mãe e filhos; sendo os personagens fora desse padrão quase sempre discriminados ou vivendo uma situação de sofrimento, fator determinante para uma família problemática (HENNIGEN, 2008).

Novos arranjos familiares estão sobre o olhar dos media, mas ainda não foram estabelecidos na sociedade. Há certo receio em tocar em alguns assuntos que ainda são tabus sociais. Se por um lado a família rígida e patriarcalista é retratada predominantemente em novelas de época, pouco se aborda outros arranjos em novelas com temáticas contemporâneas. Como exemplos desses novos arranjos podem ser citados famílias chefiadas por mulheres ou filhos de pais separados.

Mas não se pode deixar de observar que há uma inserção gradativa de outras formas de família na novela, ocorrendo principalmente quando o assunto é polêmico e



precisa ser “normalizado” para sociedade, como a questão da formação de casais homossexuais.

Na novela “A Favorita”, exibida no ano de 2008 em horário nobre pela Rede Globo de Televisão, a maioria das famílias retratadas ainda é triádica, essa forma de representação social pode ser modificada dependendo do problema social retratado. Como o casal Catarina (Lilían Cabral) e Léo (Jackson Antunes), cuja família sofre uma significativa mudança devido a tomada de atitude de Catarina ante a violência doméstica, reduzindo o poder do marido sobre ela própria e seus filhos. As divergências entre o casal refletem-se em transformações na vida de seus filhos, com destaque para a gravidez inesperada da filha mais velha que, diante da desestrutura familiar, vai morar na casa dos avós. Será que em outra época essa mobilidade familiar seria possível? De certo não. A razão primeira para este fator seria a inquestionabilidade do poder patriarcal, em segundo lugar a aparência da ‘família feliz’ que se sobrepunha à demonstração social de desestruturação familiar, devido à existência de forte pressão social sobre a preservação da imagem da família.

Cada meio de comunicação tem sua função e princípios diferentes. No caso da tele novela ela pode flertar com a fantasia e a realidade, e mesmo que pareça real para o espectador não o é. Mas quando falamos de jornalismo o princípio é menos flexível, o compromisso deve ser com o fato, com a realidade. No entanto, a espetacularização da família não está condicionada apenas ao campo ficcional e ocorre também nos meios jornalísticos.

O jornal é um meio que deveria primar pela informação, mas o que se vê é o destaque ao espetáculo. Se um fato pode apelar à emoção do espectador e garantir a audiência, então se esquece a ética. Principalmente em tragédia com atores sociais da mesma família. Não se questiona que a mídia deva evidenciar e incitar o debate, mas o que é questionável é se é necessário exibir durante quase todo um dia uma reconstituição de um crime polêmico, como a comentada cobertura da reconstituição do assassinato da menina Isabela. A sociedade vive um momento histórico de excessiva valorização da imagem e de seus usos, no qual a relação com os outros e com nós mesmos é delimitada pela aparência.

Outro exemplo é o dos programas que se propõem a ajudar a família, com um líder que se impõe como o solucionador de problemas. Este produto midiático não pode ser chamado de jornalístico nem de ficcional. Programas como ‘Márcia’, da Rede Bandeirantes, e ‘Casos de Família’, do Sistema Brasileiro de Televisão, constituem um

[Digite texto]



formato, similar a programas de auditório, uma temática que emplacou na sociedade brasileira, cuja suposta intenção é solucionar problemas familiares e/ou de relacionamento. Mas o que está exposto é uma sucessão de conflitos de baixo nível e exposição da vida privada. Além das intervenções diretas da platéia, que tem a liberdade de manifestar sua opinião sobre o caso, o que geralmente resulta numa ampliação do conflito já dado. Como forma de amenizar a desordem, há a figura do psicólogo, que propõe soluções para o problema.

E quem confere a autoridade que legitima o papel dos apresentadores deste tipo de show televisivo? São os espectadores que conferem autoridade às “Márcias”. Bauman (2001) explica que a autoridade só existe porque é escolhida, mas que ela não ordena; são agradáveis, e que essas pessoas são no máximo conselheiras, e não se enquadram na categoria de líderes. Os líderes agem como intermediários entre o bem individual e o bem de todos, e devem ser seguidos; já os conselheiros oferecem conselhos que se referem ao que as pessoas podem fazer para si próprias, e podem ser contratados e demitidos. Esses personagens que se impõe para a mídia como mediadores da verdade se enquadram nas características do que Bauman denomina como conselheiro.

A mídia é uma instituição que participa das relações sociais e da constituição subjetividade do indivíduo, pode dessa forma interferir na família através do conteúdo exibido em seus canais. No entanto a família tem sido exposta na mídia com pouco cuidado. Ora como furo de reportagem, ora como alvo de preconceitos, e muitas vezes como objeto de espetáculo.

Conclusão

A família sofreu diversas mudanças ao longo dos tempos. Essas transformações ocorreram sob influências econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas na sociedade brasileira ao longo do século XX, arena de significativas mudanças na estrutura familiar. De família patriarcal, rígida e tradicional a novas constituições familiares, com novos comportamentos e atitudes e tipos alternativos em sua composição, caracterizando uma família pós-moderna ou pluralista.

O caráter individualista da sociedade pós-moderna interfere na decisão de se constituir uma família. A dinâmica e a fugacidade desta entram em contradição com a própria idéia de família, uma vez que, esta não possui caráter temporário. Estes fatores acabam por liquefazer as estruturas familiares, gerando entre seus membros crises de



identidade e uma necessidade de ‘fuga’ dessa realidade. Neste contexto as estruturas midiáticas atuam como criadoras de infinitas possibilidades para esta fuga da realidade.

A estrutura midiática possui grande poder social, e inegável influência sobre as pessoas, devido a isso, deve-se ter atenção redobrada ao se tratar de determinados assuntos. Nesse contexto observamos que a mídia expõe excessivamente a família, espetaculariza os temas que a envolvem como forma de entretenimento, a exemplo de programas como “Casos de família”, da rede SBT. Também se questiona que em vista de uma organização cada vez mais versátil da família, ainda se trate predominantemente essa instituição como triádica. Este trabalho avaliou que a mídia trata a abordagem sobre a família de maneira espetacular, muitas vezes formando e acentuando preconceitos sobre outras formas de organização familiar, além de usar da superexposição de questões familiares como forma de atrair a audiência.

Referências

AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. pp. 99-117.

BARROCA, Maria Fernanda. **O Declínio da Família Tradicional**. Disponível em: <<http://www.universocatico.com.br>>. Acesso em: 21 Out. 2008.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2004. 197p.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2001. 64-106 p.

HENNIGEN, Inês. **A família que aparece na mídia: hegemonia de um modelo**. Junho de 2008. Disponível em <<http://caioba.pucrs.br/face/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1493/3037>>. Acesso em 22 de outubro de 2008, 22:54.

KUMAR, Krishan. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MAIA, Lucimara. **A Família Tradicional**. Disponível em: <<http://www.lucimaramaia.com.br>>. Acesso em: 12 Nov. 2008.

PENA, Felipe. **A vida é um show. Celebidades e heróis no espetáculo da mídia**. 2002. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 22 de outubro de 2008, 23:25.

[Digite texto]



SEMIONATO, Maria Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. **Funções e Transformações da Família ao Longo da História**. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia. Maringá: 2003, p.57-66.

TALAVERA, Glauber Moreno. **A Família na Travessia do Milênio**. Disponível em: <<http://www.datavenia.net/opiniao/2001/A-Familia-na-Travessia-do-Milenio.htm>> Acesso em: 12 Nov. 2008.

TEIXEIRA, Ana Teresa Jacinto; FROES, Rafael de Carvalho; ZAGO, Elaine Cristina. **A Comunicação e o Relacionamento da Família Atual em virtude dos Novos Tempos**. Revista Eletrônica de Comunicação. Edição 01, Jan/Jun 2006.